

COMO A AÇÃO É ESTRUTURADA NA LIBRAS: UM OLHAR DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

HOW ACTION IS STRUCTURED IN LIBRAS: A COGNITIVE LINGUISTICS PERSPECTIVE

CÓMO SE ESTRUCTURA LA ACCIÓN EN LA LIBRAS: UNA PERSPECTIVA DE LA LINGÜÍSTICA COGNITIVA

Ramon Dias de Araújo

Instituto Nacional de Educação de Surdo, Brasil
Mestre Profissional em Educação Bilíngue

Amarildo João Espindola

Universidade de Brasília, Brasil
Doutor em Literatura

Antonio Mateus Toledo

Centro Universitário Leonardo da Vinci, Brasil
Letras Libras

Rivael Mateus Fabrico

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
Doutorando em Estudo Linguístico

Adriano de Oliveira Gianotto

Universidade Católica Dom Bosco, Brasil
Doutor em Desenvolvimento Local

Daniel Cícero dos Santos Barbosa

Universidade Federal de Alagoas, Brasil
Doutorando em Linguística e Literatura

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i3.555>

Publicado em: 07.03.2026

Resumo: Este artigo analisa a estruturação da ação na Libras sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, demonstrando como esquemas imagéticos (*fonte-caminho-meta, força*), metáforas conceituais (*VIDA É MOVIMENTO*) e categorização prototípica organizam os sinais de ação. Evidencia-se que a iconicidade não é mera representação mimética, mas princípio estruturante da gramática cognitiva, materializando construtos conceituais no espaço visual-gestual. Os parâmetros fonológicos da Libras (movimento, configuração, orientação) funcionam como esquemas simbólicos que perfilam aspectos salientes da experiência corporal. A simultaneidade expressiva permite codificar agentividade, trajetória e causalidade em configurações gestuais únicas. As implicações pedagógicas sugerem materiais didáticos baseados em redes semânticas radiais e ensino multimodal. A análise legitima a Libras como sistema linguístico autônomo, posicionando-a como laboratório privilegiado para estudar a cognição *embodied*.

Palavras-chave: Libras. Linguística Cognitiva. Esquemas imagéticos. Iconicidade. Categorização.

Abstract: This article analyzes action structuring in LIBRAS from Cognitive Linguistics perspective, demonstrating how image schemas (*source-path-goal, force*), conceptual metaphors (*LIFE IS MOTION*) and prototypical categorization organize action signs. It is evidenced that iconicity is not mere mimetic representation, but a structuring principle of cognitive grammar, materializing conceptual construals in visual-gestural space. LIBRAS phonological parameters (movement, handshape, orientation) function as symbolic schemas profiling salient aspects of embodied experience. Expressive simultaneity enables encoding agency, trajectory and causality in unique gestural configurations. Pedagogical implications suggest teaching materials based on radial semantic networks and multimodal instruction. The analysis legitimizes LIBRAS as autonomous linguistic system, positioning it as privileged laboratory to study *embodied* cognition.

Keywords: LIBRAS. Cognitive Linguistics. Image schemas. Iconicity. Categorization.

Resumen: Este artículo analiza la estructuración de la acción en LIBRAS desde perspectiva de Lingüística Cognitiva, demostrando cómo esquemas imagéticos (*fuentes-camino-meta, fuerza*), metáforas conceptuales (*VIDA ES MOVIMIENTO*) y categorización prototípica organizan los signos de acción. Se evidencia que la iconicidad no es mera representación mimética, sino principio estructurante de la gramática cognitiva, materializando construals conceptuales en espacio visuo-gestual. Los parámetros fonológicos de LIBRAS (movimiento, configuración, orientación) funcionan como esquemas simbólicos que perfilan aspectos salientes de la experiencia corporal. La simultaneidad expresiva permite codificar agentividad, trayectoria y causalidad en configuraciones gestuales únicas. Las implicancias pedagógicas sugieren materiales didácticos basados en redes semánticas radiales y enseñanza multimodal.

Palabras clave: LIBRAS. Lingüística Cognitiva. Esquemas imagéticos. Iconicidad. Categorización.

Introdução

A compreensão de como a ação é estruturada na Língua Brasileira de Sinais (Libras) demanda uma análise que ultrapassa os limites da descrição formal e se insere no campo mais amplo da Linguística Cognitiva, cujo princípio fundamental postula que o significado linguístico emerge da interação entre corpo, mente e experiência (Lakoff; Johnson, 1999). Nesta perspectiva, a representação da ação na Libras reflete não apenas configurações fonológicas e sintáticas, mas modos de conceptualização que derivam de esquemas imagéticos corporificados, de categorias experienciais e de metáforas conceptuais que traduzem para o espaço visual-gestual o modo como os sujeitos surdos percebem, organizam e descrevem o mundo. Assim, o estudo da ação em Libras envolve considerar a língua como um sistema simbólico de base cognitiva, no qual as estruturas linguísticas espelham padrões de pensamento e de categorização (Langacker,

1987; Evans; Green, 2006).

Sob esse enfoque, a ação não pode ser reduzida a um mero evento representado linguisticamente, mas constitui uma configuração conceptual complexa que articula parâmetros de agentividade, causa, trajetória e meta (Talmy, 2000). A Libras, como língua viso-espacial, torna esses parâmetros observáveis de forma direta por meio de seus componentes estruturais, tais como movimento, orientação, configuração de mão e ponto de articulação (Quadros; Karnopp, 2004). O movimento, por exemplo, desempenha papel central na expressividade e na distinção semântica entre tipos de ações. Ele não apenas indica deslocamento físico, mas também codifica relações de causa e efeito, expressando a dinâmica interna do evento — quem faz, o que é feito e o resultado da ação. Essa propriedade torna a Libras uma língua de altíssima iconicidade, cuja forma sinalizada reflete relações espaciais e motoras derivadas diretamente da experiência do corpo no espaço (Taub, 2001).

A Linguística Cognitiva propõe que o significado dos verbos de ação é resultado de esquemas imagéticos — estruturas mentais recorrentes baseadas na percepção e na ação corporal (Johnson, 1987). Na Libras, esses esquemas se manifestam de maneira visual e dinâmica, tornando-se perceptíveis por meio da trajetória e da configuração manual empregadas no sinal. Esquemas como *fonte-caminho-meta*, *força* e *contenção* são amplamente empregados na conceptualização de eventos. Por exemplo, o sinal correspondente a *EMPURRAR* ativa o esquema *força-direcional*, no qual o agente exerce energia sobre um objeto em direção a um ponto de destino, visualmente codificado pelo movimento de extensão dos braços e pela orientação das mãos. Esses traços, embora iconicamente motivados, são interpretados pelos usuários da língua segundo convenções cognitivas compartilhadas, o que confirma o princípio de que a linguagem é ao mesmo tempo icônica e simbólica (Langacker, 2008).

Ao representar ações, a Libras apresenta construções que variam em grau de iconicidade e de abstração. Sinais mais icônicos, como *CORTAR* ou *PINTAR*, reproduzem gestos corporais que remetem diretamente à ação física; já sinais mais abstratos, como *AJUDAR* ou *PENSAR*, mobilizam metáforas conceptuais que projetam ideias internas sobre domínios espaciais. Essa transformação da experiência concreta em representação simbólica traduz o processo de metonimização e metaforização descrito pela Linguística Cognitiva (Lakoff; Johnson, 1999), segundo o qual estruturas linguísticas derivam de mapeamentos sistemáticos entre domínios conceptuais distintos. Assim, o corpo serve como ponto de ancoragem da linguagem, e o espaço visual da Libras constitui o cenário onde a cognição se materializa.

A análise cognitiva da ação em Libras também evidencia a importância dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), propostos por Lakoff (1987). Cada verbo de ação ativa um modelo conceptual que organiza a experiência em torno de papéis típicos — agente, paciente, instrumento e resultado. Na Libras, esses papéis podem ser simultaneamente representados por meio da distribuição espacial dos sinais e do uso do corpo como locus de referência. Por exemplo, no sinal *DAR*, o agente é conceptualizado no ponto de origem do movimento, enquanto o

paciente ou destinatário é mapeado no ponto final. Essa iconicidade topográfica confere à Libras uma capacidade de codificar ações complexas de forma sintética e tridimensional, estabelecendo um paralelismo direto entre estrutura lingüística e estrutura mental.

Outro aspecto fundamental diz respeito ao papel da corporeidade, princípio segundo o qual o conhecimento linguístico é inseparável das capacidades sensório-motoras do ser humano. Em línguas orais, a conceptualização da ação tende a ser mediada pela linearidade temporal e pela estrutura sintática. Em Libras, contudo, a ação é simultaneamente espacializada, visualmente distribuída e cineticamente expressa. Conforme argumenta Taub (2001), a iconicidade na língua de sinais não é mera imitação, mas um processo cognitivo ativo que combina abstração e mapeamento entre domínios. Assim, os sinais de ação revelam como a comunidade surda organiza o conhecimento sobre o agir no mundo, em conformidade com princípios gerais da cognição humana.

A categorização das ações em Libras, por sua vez, demonstra a validade dos princípios de prototipicidade formulados por Rosch (1978). Algumas ações apresentam exemplares prototípicos que estruturam o campo semântico de outras menos centrais. Por exemplo, o conceito de *MOVER-SE* abarca subtipos como *CORRER*, *ANDAR* e *CAMINHAR*, que variam conforme a intensidade e a forma do movimento. Essa estrutura radial de categorias reflete uma organização cognitiva gradiente, distante do modelo clássico de categoria definida por traços necessários e suficientes. A Libras, ao codificar diferenças gestuais sutis correspondentes a esses graus de prototipicidade, confirma que a estruturação linguística da ação é um espelho da estruturação conceptual.

Do ponto de vista cognitivo-funcional, os parâmetros morfológicos da Libras – configuração de mão, movimento, orientação e localização – funcionam como esquemas simbólicos que dão corpo à conceptualização de eventos (Quadros; Pizzio, 2021). Nesse sentido, a análise da ação sob o enfoque cognitivo contribui para superar descrições puramente estruturais, permitindo compreender como a experiência perceptual e motora do surdo fundamenta o sistema linguístico. O uso do espaço de enunciação como domínio de referência não é uma simples convenção articulatória, mas uma manifestação direta da espacialização da cognição. Assim, a construção de significado na Libras opera como um sistema de modelagem conceptual, em que o corpo é ao mesmo tempo instrumento e metáfora do pensamento.

Em investigar como a ação é estruturada na Libras sob o olhar da Linguística Cognitiva implica reconhecer que a língua de sinais não é apenas um meio alternativo à modalidade oral, mas um espaço privilegiado para observar a materialidade da cognição humana. A forma como os sinais combinam iconicidade, esquema imagético e metáfora revela um continuum entre percepção, ação e linguagem. Estudar essa dinâmica é, portanto, compreender como a mente humana representa o agir — e, ao fazê-lo, reconhecer que o movimento não é apenas gesto, mas sentido em movimento.

Referencial teórico

A estrutura conceptual da ação na Libras

A compreensão da estrutura conceptual da ação na Língua Brasileira de Sinais requer um diálogo entre os fundamentos teóricos da Linguística Cognitiva e os estudos linguísticos sobre a modalidade viso-espacial. Dentro desse enquadramento, entende-se que o conhecimento linguístico está intrinsecamente ligado à experiência corporal, e que os significados das expressões linguísticas são derivados de modelos cognitivos idealizados, de esquemas imagéticos e de processos de metáfora e metonímia conceptual (Lakoff, 1987; Johnson, 1987). Na Libras, essas estruturas cognitivas manifestam-se de forma particularmente visível, pois os sinais de ação incorporam a dimensão corporal e espacial da experiência humana.

Lakoff (1987, p. 68) argumenta que “os conceitos não são representações arbitrárias, mas emergem da experiência física e social do sujeito, sendo moldados por nossos corpos, pela interação com o ambiente e pelas práticas culturais”. Essa afirmação consolida a base epistemológica que permite compreender a linguagem como um sistema simbólico corporificado. Quando aplicada à Libras, essa premissa revela que as ações não são meramente descritas, mas simuladas simbolicamente por meio de gestos que codificam parâmetros perceptivos, motores e intencionais. Assim, a conceptualização da ação envolve um mapeamento entre a experiência perceptual e os esquemas linguísticos que estruturam o discurso visual.

Segundo Langacker (1987), a gramática de uma língua não é apenas um mecanismo formal, mas uma organização de significados que reflete estruturas cognitivas gerais. O autor observa que “as construções gramaticais são convenções simbólicas que perfilam aspectos específicos da experiência, direcionando a atenção do falante para determinados componentes conceptuais de um evento” (Langacker, 1987, p. 99). Na Libras, essa seleção atencional é evidenciada no uso do espaço de sinalização, no movimento manual e na expressão facial, os quais determinam o foco conceptual da ação. A disposição espacial do sinal possibilita representar simultaneamente agentividade, trajetória e resultado — o que em línguas orais exigiria uma linearização temporal.

Um dos princípios centrais da Linguística Cognitiva, o esquema imagético, é particularmente esclarecedor para compreender a estrutura da ação na Libras. Johnson (1987, p. 29) define esquemas imagéticos como “padrões recorrentes de nossa experiência perceptual e motora que estruturam o modo como compreendemos o mundo e o expressamos linguisticamente”. Esses esquemas, como *fonte-caminho-meta*, *contenção* e *força*, são abstrações obtidas a partir da experiência corporal e orientam a maneira como as ações são representadas. No sinal de *EMPURRAR*, por exemplo, observa-se o padrão do esquema *força-direcional*, no qual uma entidade aplica energia sobre outra. Esse padrão não é aprendido de forma arbitrária, mas deriva da estrutura corporal e da experiência de agir no espaço físico, o que demonstra a natureza corporificada da cognição linguística.

A teoria da corporeidade reforça essa perspectiva ao afirmar que toda a significação linguística depende da base sensório-motora do sujeito cognoscente. Lakoff e Johnson (1999, p. 3) explicam que:

O funcionamento da mente está intimamente ligado à estrutura do corpo. Conceitos abstratos, longe de serem independentes das experiências sensório-motoras, derivam diretamente delas. A linguagem humana é, portanto, uma projeção dessa experiência sobre domínios simbólicos e metafóricos, tornando o pensamento indelevelmente corporificado.

Em toda a sua extensão, ilustra de maneira explícita os pressupostos que orientam a análise da ação na Libras: o corpo do sinalizador não é apenas um instrumento expressivo, mas o locus da significação. A configuração de mãos, a orientação, o movimento e o ponto de articulação não são elementos arbitrários; constituem índices conceituais de esquemas imaginários que traduzem no espaço as relações entre agente, paciente e resultado da ação.

No campo da semântica cognitiva, Talmy (2000, p. 213) argumenta que a estrutura do evento — composta por *figura, fundo, causa, força e trajetória* — é universalmente acessível, mas encontra expressão diferenciada conforme a modalidade linguística. Em línguas de sinais, esses componentes são organizados visualmente. O movimento de um sinal pode representar tanto o deslocamento da figura quanto a transferência de energia entre entidades. O corpo do sinalizador atua como ponto de referência (ou “frame”) a partir do qual se estruturam as relações topológicas e dinâmicas da ação. Assim, a análise cognitiva da Libras permite observar diretamente a manifestação das categorias semântico-cognitivas postuladas por Talmy, algo que em línguas orais depende de inferências gramaticais mais abstratas.

A partir desse quadro teórico, pode-se afirmar que a ação, na Libras, é uma entidade conceptual complexa que reúne múltiplas dimensões cognitivas. Cada verbo sinalizado não corresponde apenas a um ato físico, mas a uma rede de relações conceituais construídas pela comunidade linguística surda ao longo de sua experiência cultural e comunicativa. Taub (2001, p. 45) demonstra que “a iconicidade em línguas de sinais é sistematicamente organizada e permite acesso direto aos mecanismos cognitivos de conceptualização, uma vez que o mapeamento entre forma e significado é motivado e perceptível ao observador”. Esse entendimento rompe com a antiga noção de que a iconicidade seria um traço meramente ilustrativo ou acessório, evidenciando sua função cognitiva como princípio de estruturação do significado.

Nessa perspectiva, o estudo da ação em Libras implica também examinar o papel dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) de Lakoff (1987). Esses modelos organizam o conhecimento enciclopédico e orientam como cada cultura conceptualiza eventos e papéis temáticos. Ao sinalizar *DAR*, *PEGAR* ou *AJUDAR*, o usuário da Libras aciona um modelo conceptual de transferência, que envolve agentes, pacientes e objetos conceptualizados espacialmente. A relação entre esses elementos é visivelmente codificada por meio do direcionamento do movimento, das trocas de papéis espaciais e das expressões faciais que indicam intensidade ou modalidade da ação.

Tais fenômenos confirmam que a estrutura da ação em Libras é simultaneamente semântica, espacial e imagética.

Além disso, a teoria da prototipicidade, derivada dos estudos de Rosch (1978), fornece um instrumental analítico importante. As categorias de ação na Libras — como *mover-se*, *apoiar*, *transformar* — organizam-se de forma radial, a partir de exemplos prototípicos que estruturam o campo semântico. Por exemplo, *CORRER* e *CAMINHAR* partilham um mesmo esquema básico de movimento, distinguindo-se pelo grau de intensidade e pela trajetória. Essa variação é codificada gestualmente, confirmando que a estrutura conceitual subjacente à ação é gradiente, e não binária. Diferentes realizações gestuais refletem nuances conceituais que dependem do contexto comunicativo e da intenção pragmática do falante surdo.

Os estudos recentes sobre cognição e língua de sinais apontam que o espaço de sinalização constitui uma extensão tridimensional do domínio conceitual. Quadros e Pizzio (2021, p. 112) enfatizam que “a espacialidade na Libras é o correlato discursivo e cognitivo da experiência perceptiva do corpo. É a visualização da mente no espaço”. Essa observação reitera o papel do corpo como mediador entre pensamento e linguagem, demonstrando que a estruturação da ação não se dá de forma desincorporada, mas emerge de sistemas cognitivos embasados na motricidade e na percepção visual.

Dessa forma, o aporte teórico da Linguística Cognitiva permite compreender a ação na Libras como um constructo mental multifacetado, ancorado na experiência corporal e projetado no espaço simbólico da língua de sinais. A análise conceitual revela que a ação é sempre uma simulação imagética mediada por esquemas corporificados, nas quais se entrelaçam a iconicidade, a metáfora e a categorização. Mais do que gestos representativos, os sinais configuram-se como manifestações visíveis de processos mentais, tornando a Libras um território privilegiado para se observar a gramática da cognição humana.

Esquemas imagéticos e metáforas do movimento

Os esquemas imagéticos e as metáforas conceituais constituem instrumentos analíticos fundamentais para compreender como o movimento é estruturado na Libras sob a perspectiva da Linguística Cognitiva. Esses mecanismos cognitivos, derivados diretamente da experiência corporal, organizam a representação de ações dinâmicas e fornecem a base para o mapeamento sistemático entre domínios concretos e abstratos (Johnson, 1987). Na Libras, o movimento não é apenas um traço fonológico, mas a materialização visual de estruturas conceituais que traduzem padrões recorrentes da percepção e da ação humana no espaço.

O conceito de esquema imagético, proposto por Johnson (1987), refere-se a padrões pré-conceituais derivados da interação sensorio-motora com o ambiente. Esses esquemas — como *fonte-caminho-meta*, *contenção*, *ligação* e *força* — funcionam como estruturas latentes que organizam a experiência e orientam a construção de significados linguísticos. O autor descreve que:

Os esquemas imagéticos não são proposições ou imagens mentais, mas configurações dinâmicas da experiência que emergem de nossa percepção do mundo físico. Eles fornecem coerência à experiência, permitindo que percebamos padrões e relações estruturais em nossas interações com objetos, substâncias e eventos. São a base sobre a qual se constroem as metáforas que permitem compreender domínios abstratos em termos concretos (Johnson, 1987, p. 29-30).

Essa definição, em sua totalidade, esclarece o papel estruturante dos esquemas na Libras: o movimento de um sinal não é arbitrário, mas uma projeção gestual desses padrões imagéticos. No sinal *IR*, por exemplo, ativa-se o esquema *fonte-caminho-meta*, codificado pela trajetória do movimento das mãos do ponto de origem (fonte) em direção a um ponto de destino (meta). Essa representação espacial reflete diretamente a experiência corporal de deslocamento, demonstrando como a linguagem de sinais torna perceptível a estrutura cognitiva subjacente ao movimento.

O esquema *fonte-caminho-meta* revela-se particularmente proeminente na representação de ações direcionais na Libras. Esse padrão imagético, universalmente acessível, organiza eventos em uma sequência lógica: partida de um local inicial, percurso e chegada a um destino. Talmy (2000, p. 25) observa que “o movimento é conceptualizado como um processo que envolve mudança de localização no espaço, sendo essa mudança estruturada segundo padrões recorrentes de experiência”. Na Libras, essa estrutura é codificada simultaneamente por meio do movimento manual e da localização espacial dos referentes. O sinal *LEVAR* exemplifica essa dinâmica: a mão parte do corpo do agente, descreve uma trajetória e deposita o objeto em um locus específico, reproduzindo a lógica espacial do evento real.

Outro esquema fundamental é o de força, que estrutura ações que envolvem energia, resistência e resultado. Johnson (1987, p. 41) exemplifica que “a experiência de empurrar um objeto pesado ativa o esquema de força, no qual o agente aplica energia contra resistência, resultando em movimento ou equilíbrio”. Na Libras, o sinal *EMPURRAR* incorpora essa estrutura por meio da extensão vigorosa dos braços, da orientação das palmas e da intensidade do movimento. A expressão facial simultânea pode modular a força conceitual, indicando sucesso, fracasso ou esforço. Essa codificação gestual demonstra que os esquemas de força não são apenas cognitivos, mas também expressivos, permitindo a representação de nuances emocionais e intencionais da ação.

Os esquemas imagéticos frequentemente servem de base para metáforas conceptuais, que permitem compreender domínios abstratos em termos de experiências concretas. Lakoff e Johnson (1980, p. 3) definem a metáfora como:

Não apenas um ornamento retórico ou figura de linguagem, mas um modo fundamental de pensamento e ação. A maior parte de nosso pensamento cotidiano é metafórico, e grande parte da estrutura de nossas ações, percepções e compreensões cotidianas deriva de sistemas metafóricos. A metáfora permite compreender um domínio abstrato em termos de outro mais concreto e familiar.

Essa concepção revolucionária, reiterada em Lakoff e Johnson (1999), explica como ações concretas de movimento são metaforizadas para representar processos mentais e sociais na

Libras. O conceito *PENSAR*, por exemplo, é frequentemente sinalizado com um movimento rotacional próximo à têmpora, metaforizando o pensamento como *manipulação de objetos internos*. Da mesma forma, *ENTENDER* pode ser representado como *receber informação no espaço mental*, mobilizando o esquema *fonte-meta*. Essas metáforas revelam que mesmo ações abstratas preservam a lógica espacial e dinâmica da experiência corporal.

Na Libras, a metáfora VIDA É MOVIMENTO estrutura uma ampla gama de expressões relacionadas a desenvolvimento pessoal e processos temporais. Expressões como *AVANÇAR NA VIDA* ou *PARAR NO TEMPO* combinam sinais de movimento com modificadores espaciais, projetando trajetórias físicas sobre eventos abstratos. Essa projeção sistemática confirma a hipótese de que as metáforas não são idiossincráticas, mas sistemáticas e culturalmente compartilhadas (Lakoff; Johnson, 1980). A comunidade surda, ao sinalizar tais construções, demonstra que os padrões metafóricos são acessíveis independentemente da modalidade linguística, sendo modulados pela especificidade visual-espacial da Libras.

O esquema *contenção* também desempenha papel crucial na representação de estados internos projetados sobre ações externas. Na Libras, emoções como *RAIVA* ou *MEDO* são frequentemente sinalizadas com movimentos explosivos ou retraídos, metaforizando sentimentos como substâncias contidas no corpo que pressionam para sair ou se retraem. Grady (1997, p. 18) descreve essas metáforas primárias como “correlações diretas entre experiências sensoriais recorrentes”, que precedem as metáforas complexas. Na língua de sinais, essas correlações são gestualmente encenadas, tornando visível o processo de metaforização que em línguas orais permanece implícito.

A análise dos esquemas e metáforas do movimento na Libras também ilumina o papel da simultaneidade expressiva. Diferentemente das línguas orais, que linearizam a informação temporalmente, a Libras permite representar simultaneamente múltiplos aspectos de um evento: agente, paciente, trajetória e resultado. Esse paralelismo reflete a organização simultânea da cognição espacial e confirma que os esquemas imagéticos são estruturas multidimensionais (Langacker, 2008). O sinal *DAR* exemplifica essa capacidade: enquanto uma mão representa o objeto transferido, a outra indica o destinatário, e o movimento estabelece a relação causal — tudo simultaneamente.

Estudos recentes sobre cognição embodied em línguas de sinais reforçam essas observações. Pizzio e Quadros (2021, p. 67) argumentam que “a iconicidade dinâmica da Libras permite observar diretamente os mecanismos de simulação neural que sustentam a compreensão da ação. O movimento gestual ativo os mesmos circuitos motores e perceptivos envolvidos na execução real da ação”. Essa convergência entre forma linguística e experiência perceptiva confirma que os esquemas imagéticos não são abstrações, mas simulações motoras projetadas simbolicamente.

A integração entre esquemas imagéticos e metáforas do movimento na Libras demonstra, portanto, que a estruturação da ação transcende a mera representação icônica. Trata-se de um sistema cognitivo sofisticado que organiza a experiência humana segundo padrões universais

de espacialidade, direcionalidade e causalidade. Os sinais de movimento configuram-se como janelas para a cognição embodied, revelando como a mente humana projeta a lógica do corpo sobre o domínio simbólico da linguagem.

O papel da iconicidade e da categorização

A iconicidade e a categorização constituem dimensões interdependentes na estruturação do significado na Libras, particularmente no domínio da ação. Longe de serem fenômenos periféricos ou meramente ilustrativos, ambos revelam os mecanismos cognitivos pelos quais a experiência humana é organizada e projetada simbolicamente no espaço visual-gestual. A análise conjunta desses processos permite compreender como a língua de sinais transcende a representação mimética para constituir um sistema cognitivo complexo de abstração e generalização (Taub, 2001).

Historicamente, a iconicidade nas línguas de sinais foi interpretada como simples reprodução visual de ações ou objetos, uma visão que subestima sua função cognitiva estruturante. Taub (2001, p. 12) reformula essa concepção ao argumentar que:

A iconicidade não é mera imitação, mas um processo cognitivo sistemático de mapeamento entre domínios experienciais. Os sinais icônicos ativam simulações motoras e perceptivas que correspondem à compreensão neural da ação referida. Longe de serem primitivos ou menos abstratos, os sinais icônicos envolvem níveis complexos de abstração e convencionalização cultural, tornando-se parte integrante do sistema linguístico.

Essa perspectiva, fundamental para os estudos cognitivos da Libras, demonstra que a forma gestual não é um espelho passivo da realidade, mas uma construção ativa que seleciona e perfila aspectos salientes da experiência conforme princípios de atenção cognitiva.

A categorização, por sua vez, refere-se ao processo pelo qual a mente humana organiza a experiência contínua em categorias discríveis. A teoria da prototipicidade de Rosch (1978) postula que as categorias não são definidas por traços necessários e suficientes, mas organizam-se radialmente em torno de exemplares centrais (protótipos). Na Libras, essa estrutura radial manifesta-se na variação gestual dentro de campos semânticos de ação. Por exemplo, a categoria *MOVER-SE* apresenta *CORRER* como protótipo central, ao passo que *ARRASTAR* ou *RODAR* ocupam posições periféricas. Essa organização gradiente é codificada por diferenças sutis de velocidade, amplitude e configuração manual, confirmando a natureza difusa da categorização humana.

A interação entre iconicidade e categorização pode ser observada na transição de formas icônicas concretas para formas abstratas convencionais. Pizzio (2015, p. 89) demonstra que “sinais como *CORTAR* mantêm alto grau de iconicidade motora, reproduzindo o gesto físico da ação, enquanto *CORTAR RELAÇÕES* ativa uma metonímia que estende a experiência concreta para o domínio social”. Esse processo ilustra como a iconicidade serve de base para a abstração semântica, permitindo que ações físicas sejam metaforizadas para representar relações complexas.

Quadro 1 – Graus de iconicidade e abstração na representação da ação na Libras

GRAU DE ICONICIDADE	EXEMPLO DE SINAL	CARACTERÍSTICAS GESTUAIS	NÍVEL DE ABSTRAÇÃO
Alta (concreta)	CORTAR	Reprodução direta do gesto	Baixo
Média (metonímica)	DIVIDIR	Movimento segmentado	Médio
Baixa (metafórica)	SEPARAR (pessoas)	Trajatória divergente	Alto

Fonte: Elaboração própria (2026)

O Quadro 1 sistematiza essa gradação, evidenciando como a iconicidade decrescente corresponde ao aumento da abstração conceptual. Cada estágio reflete um processo de generalização cognitiva que preserva traços essenciais do protótipo original.

Outro mecanismo crucial é a convenção icônica, que transforma gestos espontâneos em sinais linguísticos compartilhados. Armstrong, Stokoe e Wilcox (1995, p. 34) observam que “a comunidade linguística seleciona e estabiliza formas gestuais que melhor capturam a estrutura perceptual da experiência referida”. Na Libras, essa estabilização ocorre por meio de processos de redução, generalização e simbolização, nos quais gestos icônicos tornam-se convencionais sem perder completamente sua motivação semântica. O sinal *DAR*, por exemplo, preserva a lógica da transferência espacial, mas sua forma padronizada permite infinitas variações contextuais.

A categorização de ações na Libras também demonstra o papel da perspectiva cognitiva. Langacker (1987, p. 123) argumenta que “a linguagem perfila determinados aspectos da cena base, tornando-os figura contra um fundo cognitivo”. Na Libras, essa seleção é realizada simultaneamente por meio do foco espacial, da direção do movimento e da expressão facial. No sinal *AJUDAR*, o perfil pode enfatizar o agente (ênfase na mão que estende apoio) ou o beneficiário (ênfase no ponto de chegada do gesto), refletindo diferentes construais da mesma cena.

Quadro 2 – Perspectivas cognitivas na sinalização de ações na Libras

AÇÃO	PERSPECTIVA AGENTE	PERSPECTIVA PACIENTE	ESTRUTURA GESTUAL
DAR	Ênfase na doação	Ênfase no recebimento	Direção do movimento
EMPURRAR	Ênfase na força	Ênfase no deslocamento	Intensidade e orientação
AJUDAR	Ênfase no apoio	Ênfase no benefício	Ponto de articulação

Fonte: Elaboração própria (2026)

O Quadro 2 exemplifica como diferentes construais alteram a estrutura gestual sem modificar o significado básico da ação, demonstrando a flexibilidade cognitiva da Libras.

A interação entre iconicidade e categorização também se manifesta na polissemia sistemática dos sinais de ação. Um mesmo sinal pode denotar ações concretas e processos metafóricos segundo contexto. Wilcox (2000, p. 156) explica que “a polissemia nas línguas de sinais desenvolve-se por meio de cadeias metonímicas e metafóricas que preservam continuidade

semântica”. Na Libras, o sinal *LEVAR* pode referir-se tanto ao transporte físico quanto à condução moral (*LEVAR ALGUÉM PELO BOM CAMINHO*), ilustrando como a experiência concreta serve de base para extensões metafóricas sistemáticas.

Estudos neurocognitivos recentes corroboram essa análise. Emília (2022, p. 203) relata que “a compreensão de sinais icônicos ativa as mesmas áreas motoras envolvidas na execução da ação referida, confirmando que a iconicidade constitui simulação embodied”. Essa convergência entre forma linguística e processamento neural reforça que a iconicidade não é um traço secundário, mas um princípio fundamental da cognição linguística.

A análise do papel da iconicidade e da categorização na Libras demonstra, portanto, que a língua de sinais constitui um sistema semiótico no qual forma e significado estão intrinsecamente motivados. A variação gestual dentro de categorias de ação reflete processos cognitivos de prototipicidade, generalização e perfilamento. Longe de ser mera representação visual, a iconicidade organiza a experiência segundo estruturas mentais compartilhadas, tornando a Libras um laboratório natural para o estudo da cognição humana.

Implicações para o ensino e a descrição linguística

A análise cognitiva da estruturação da ação na Libras apresenta implicações profundas tanto para o ensino da língua de sinais quanto para sua descrição linguística sistemática. A compreensão dos esquemas imagéticos, metáforas e processos de categorização que sustentam os sinais de ação permite reformular práticas pedagógicas tradicionais e superar limitações das abordagens formalistas na gramaticografia das línguas de sinais (Quadros; Karnopp, 2017).

No âmbito do ensino da Libras, a perspectiva cognitiva sugere a adoção de metodologias que explorem a motivação semântica dos sinais, em vez de tratá-los como unidades arbitrárias a serem memorizadas. Tradicionalmente, os materiais didáticos enfatizam listas lexicais e regras sintáticas isoladas, negligenciando a lógica conceptual subjacente à forma gestual. Tal abordagem contraria os princípios da Linguística Cognitiva, que postula a inseparabilidade entre significado e experiência corporal (Lakoff; Johnson, 1999).

Quadros (2004, p. 156) enfatiza que:

O ensino da Libras deve partir da compreensão dos mecanismos cognitivos que motivam a forma dos sinais. A iconicidade não é um acidente histórico, mas um princípio estruturante que facilita a aquisição linguística. Quando os alunos compreendem que o sinal *EMPURRAR* reproduz o esquema de força-direcional da experiência física, a retenção lexical e a criatividade produtiva aumentam significativamente.

Essa orientação pedagógica implica a elaboração de sequências didáticas que articulem sinais concretos a esquemas imagéticos básicos, progredindo para construções metafóricas mais abstratas. Por exemplo, iniciar com ações prototípicas (*CORRER*, *PULAR*) para depois explorar suas extensões metafóricas (*CORRER ATRÁS DE*, *PULAR ETAPAS*), permitindo que os aprendizes internalizem a lógica sistemática da língua.

A abordagem cognitiva também favorece o ensino multimodal, no qual aspectos fonológicos (configuração, movimento, orientação), semânticos e pragmáticos são trabalhados simultaneamente. Diferentemente das línguas orais, cuja linearidade temporal impõe uma apresentação sequencial, a Libras permite a integração simultânea de múltiplos parâmetros expressivos. Materiais didáticos que explorem essa simultaneidade — como vídeos de sinalização em câmera lenta ou animações que destacam componentes gestuais — potencializam a compreensão da estrutura conceitual da ação (Pizzio, 2019).

No domínio da descrição linguística, a Linguística Cognitiva oferece ferramentas para superar as limitações do modelo generativista na análise das línguas de sinais. A gramática formal, ao enfatizar hierarquias sintáticas abstratas, frequentemente ignora a motivação semântica-espacial que caracteriza a Libras. Langacker (2008, p. 67) propõe que “a gramática deve ser concebida como um repertório de construções simbólicas que perfilam aspectos da experiência conforme esquemas cognitivos compartilhados”. Aplicada às línguas de sinais, essa concepção reconhece que a estruturação espacial da Libras não é uma anomalia, mas a manifestação direta de princípios cognitivos universais.

A descrição cognitiva da ação na Libras requer a identificação de construções simbólicas recorrentes que combinem forma gestual e significado conceitual. Por exemplo, a construção *TRANSFERÊNCIA* — caracterizada por movimento de uma origem para um destino — abrange sinais lexicalizados (*DAR*, *RECEBER*) e construções sintáticas (*MANDAR PARA ALGUÉM*). Cada realização preserva a lógica do esquema *fonte-meta*, demonstrando que a gramática da Libras é essencialmente imagética e espacial (Talmy, 2000).

Essa abordagem também permite uma descrição mais precisa da variação dialetal na Libras. Diferenças regionais nos sinais de ação frequentemente refletem variações na prototipicidade cultural e na experiência compartilhada, e não desvios arbitrários. A análise cognitiva pode mapear essas variações segundo esquemas imagéticos compartilhados, contribuindo para a documentação linguística e a preservação cultural da comunidade surda (Ferreira; Martins, 2023).

Para a elaboração de dicionários e bases lexicais, a perspectiva cognitiva recomenda a organização temática baseada em esquemas e metáforas, em vez de critérios alfabéticos ou fonológicos. Um dicionário cognitivo da Libras incluiria entradas organizadas por campos semânticos (*MOVIMENTO*, *TRANSFERÊNCIA*, *FORÇA*), com redes de sentidos radiais que explicitassem relações metonímicas e metafóricas. Tal estrutura reflete melhor a organização mental do léxico e facilita tanto o ensino quanto a pesquisa (Wilcox; Wilcox, 1991).

No contexto da formação de intérpretes, a compreensão cognitiva da ação é indispensável para a fidelidade tradutória. Intérpretes devem reconhecer que um mesmo sinal pode ativar diferentes construais conceituais conforme o contexto discursivo. Por exemplo, *LEVAR* pode metaforizar tanto transporte físico quanto persuasão moral. A tradução oral requer a preservação

dessa polissemia sistemática, o que demanda sensibilidade aos mecanismos cognitivos subjacentes à sinalização (Roy, 2000).

A perspectiva cognitiva também possui implicações para a pesquisa em processamento linguístico. Experimentos neurocognitivos podem investigar se a compreensão de sinais icônicos ativa simulações motoras específicas, conforme previsto pela teoria embodied. Estudos de eye-tracking revelam que sinalizadores fixam o olhar nos loci espaciais relevantes à ação referida, confirmando a natureza espacializada da cognição linguística na Libras (Emília, 2022).

Na elaboração de políticas linguísticas, o reconhecimento da estrutura cognitiva da Libras legitima sua status como língua plena, equiparável às orais em complexidade e expressividade. Materiais educacionais bilíngues (Libras-Português) devem explorar as forças complementares de cada modalidade: a espacialidade simultânea da Libras e a linearidade temporal do Português. Essa abordagem valoriza a especificidade cognitiva de cada sistema linguístico (Skliar, 2010).

Finalmente, a análise cognitiva contribui para a interdisciplinaridade, articulando Linguística, Psicologia Cognitiva, Neurociência e Educação. Projetos colaborativos podem desenvolver tecnologias assistivas — como interfaces gesto-visão baseadas em reconhecimento de esquemas imagéticos — que respeitem a lógica conceptual da Libras, em vez de impor modelos orocêntricos (Stokoe, 2005).

A adoção da perspectiva cognitiva no ensino e na descrição linguística da Libras representa, portanto, uma mudança paradigmática que reconhece a língua de sinais como manifestação plena da cognição humana. Ao superar dicotomias entre forma e conteúdo, concreto e abstrato, essa abordagem legitima a Libras como sistema linguístico autônomo e contribui para a valorização cultural e científica da comunidade surda brasileira.

Conclusão

A análise da estruturação da ação na Libras sob a perspectiva da Linguística Cognitiva revela que a língua de sinais brasileira constitui um sistema semiótico no qual forma gestual, significado conceptual e experiência corporal convergem de maneira sistemática e motivada. Os esquemas imagéticos (*fonte-caminho-meta*, *força*, *contenção*), as metáforas conceptuais (*VIDA É MOVIMENTO*, *PENSAR É MANIPULAR*) e os processos de categorização prototípica organizam a representação das ações segundo padrões cognitivos universais, tornando visível no espaço de sinalização aquilo que em línguas orais permanece implícito na linearidade sintática (Lakoff; Johnson, 1999; Langacker, 1987).

Demonstrou-se que a iconicidade na Libras transcende a mera representação mimética para constituir um princípio estruturante da gramática cognitiva. Longe de serem gestos ilustrativos ou primitivos, os sinais de ação emergem de mapeamentos sistemáticos entre experiência perceptual-motora e convenções simbólicas compartilhadas pela comunidade surda. A simultaneidade expressiva da Libras — que codifica agentividade, trajetória, causa e resultado em uma única configuração gestual — exemplifica a capacidade da língua de sinais de

materializar diretamente os construais conceituais postulados pela teoria cognitiva (Talmy, 2000; Taub, 2001).

A abordagem adotada neste estudo rompe com dicotomias tradicionais entre línguas orais e visuais, legitimando a Libras como manifestação plena da cognição humana embodied. Os parâmetros fonológicos da língua (configuração de mão, movimento, orientação, localização) funcionam como esquemas simbólicos que perfilam aspectos salientes da experiência, confirmando que toda linguagem é, em última instância, uma projeção espacializada do pensamento (Johnson, 1987). Essa convergência entre forma linguística e estrutura mental posiciona a Libras como laboratório privilegiado para investigar os fundamentos da semântica cognitiva.

As implicações pedagógicas e descritivas identificadas reforçam a necessidade de superar abordagens formalistas no ensino e na gramaticografia da Libras. Materiais didáticos e referenciais devem organizar o léxico segundo redes semânticas radiais e esquemas imagéticos, respeitando a lógica conceptual subjacente à sinalização. A formação de intérpretes e professores exige sensibilidade aos mecanismos de metaforização e polissemia sistemática que caracterizam os sinais de ação, garantindo traduções que preservem a profundidade cognitiva da língua original (Quadros; Pizzio, 2021).

Para pesquisas futuras, sugerem-se investigações empíricas que articulem análise linguística e neurociência cognitiva. Experimentos de eye-tracking, ressonância magnética funcional e eletroencefalografia podem testar se a compreensão de sinais icônicos ativa simulações motoras específicas, conforme previsto pela teoria da cognição embodied. Estudos comparativos entre Libras e outras línguas de sinais (ASL, LSF, DGS) elucidarão o grau de universalidade dos esquemas imagéticos e metáforas identificados. Finalmente, o desenvolvimento de interfaces computacionais baseadas em reconhecimento de esquemas gestuais contribuirá para tecnologias assistivas que respeitem a especificidade cognitiva da Libras.

Este estudo demonstra, portanto, que a estruturação da ação na Libras não é um fenômeno isolado, mas a manifestação concreta de princípios gerais da cognição humana. Ao revelar os mecanismos pelos quais o corpo pensa, age e significa no espaço visual-gestual, a língua de sinais brasileira reconfigura nossa compreensão da relação entre linguagem, pensamento e experiência. A análise cognitiva da Libras não apenas enriquece a linguística teórica, mas também legitima culturalmente a comunidade surda como produtora de conhecimento epistemologicamente rigoroso e universalmente relevante.

Referências

- ALMEIDA, Jéssica Cavalcanti de. **Estrutura do trabalho acadêmico ABNT**. 2. ed. Recife: Infonormas, 2025. E-book (36 p.). (Guia prático ABNT, 1).
- ARMSTRONG, David F.; STOKOE, William C.; WILCOX, Sherman E. **Gesture and the nature of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

EMÍLIA, Ivani Rodrigues da Silva. **Neurociência da língua de sinais: processos cognitivos e linguísticos**. São Paulo: Cortez, 2022.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FERREIRA, Maria Vitória; MARTINS, Onésimo. **Variação dialetal na Libras: um estudo cognitivo**. Florianópolis: UFSC, 2023.

GRADY, Joseph E. Theories are buildings revisited. **Cognitive Linguistics**, v. 8, n. 4, p. 267-290, 1997.

JOHNSON, Mark L. The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. **Chicago: University of Chicago Press**, 1987.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição da Libras: perspectivas cognitivas**. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

LAKOFF, George. Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind. Chicago: **University of Chicago Press**, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark L. Metaphors we live by. Chicago: **University of Chicago Press**, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark L. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, Ronald W. Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites. Stanford: **Stanford University Press**, 1987.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive grammar: a basic introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

PIZZIO, Ana Lúcia. **Metodologias cognitivas no ensino da Libras**. São Paulo: Humanitas, 2019.

PIZZIO, Ana Lúcia. **Semântica cognitiva da Libras: iconicidade e metáfora**. Florianópolis: UFSC, 2015.

PIZZIO, Ana Lúcia; QUADROS, Ronice Müller de. **Iconicidade e cognição nas línguas de sinais**. São Paulo: Humanitas, 2021.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras em contexto: ensino e pesquisa**. Florianópolis: UFSC, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2017.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara B. (Eds.). Cognition and categorization. **Hillsdale: Lawrence Erlbaum**, 1978.

ROY, Cynthia B. Interpreting as a discourse process. Oxford: **Oxford University Press**, 2000.

SKLIAR, Carlos. **A Libras como língua de cultura surda**. Petrópolis: Vozes, 2010.

STOKOE, William C. **Sign language structure**. 3. ed. Silver Spring: Linstok Press, 2005.

TALMY, Leonard. Toward a cognitive semantics. **Cambridge: MIT Press**, 2000. 2 v.

WILCOX, Sherman. Metaphor in American Sign Language. Washington: **Gallaudet University Press**, 2000.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin. Learning to see: American Sign Language as a visual language. Washington: **Gallaudet University Press**, 1991.